

ACONTECEU ... E DAÍ?

PÍLULA DO DIA SEGUINTE | ATALHOS E CAMINHOS

Fernando Lefevre
Ana Maria Cavalcanti Lefevre
(Organizadores)



FERNANDO LEFEVRE
ANA MARIA CAVALCANTI LEFEVRE
(ORGANIZADORES)

ACONTECEU... E DAÍ?

PÍLULA DO DIA SEGUINTE
ATALHOS E CAMINHOS

1ª edição

São Paulo

INSTITUTO DE PESQUISA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

2010

Aconteceu ... e daí? Pílula do dia seguinte atalhos e caminhos/ organizadores, Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre; ilustração de Patrícia da Silva Yokomizo. São Paulo: Instituto de Pesquisas do Discurso do Sujeito Coletivo, 2010.
104 p. : ilus.

ISBN: 978-85-61266-03-5

1. Anticoncepcionais Pós-Coito 2. Adolescente I. Lefevre, Fernando, org.
II. Lefevre, Ana Maria Cavalcanti, org. III Yokomizo, Patrícia da Silva, il.

CDD 613.943

Biblioteca/ CRI - Centro de Informação e Referência em Saúde Pública

IPDSC - Instituto de Pesquisas do Discurso do Sujeito Coletivo: www.ipdsc.com.br

ORGANIZAÇÃO

FERNANDO LEFEVRE
ANA MARIA CAVALCANTI LEFEVRE

REVISÃO, PROJETO GRÁFICO, CAPA E ILUSTRAÇÕES

PATRICIA DA SILVA YOKOMIZO

REVISÃO GERAL DE TEXTO

RACHELLE BALBINOT

SÃO PAULO, 2010

INSTITUTO DE PESQUISAS DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO - IPDSC



INTRODUÇÃO

O JOVEM NOS DIAS DE HOJE E A PÍLULA DO DIA SEGUINTE



O JOVEM NOS DIAS DE HOJE E A PILULA DO DIA SEGUINTE

Os jovens - como os adultos, os idosos ou as crianças - são o resultado de três coisas:

- das suas características próprias como pessoas
- das características da sua idade
- do mundo em que vivem

Que mundo é esse?

Antes de tudo, no caso do Brasil, este mundo é um país, também jovem e, como o jovem, em crescimento e desenvolvimento, a ser formado, com vontade de ser alguém, de encontrar sua identidade e sua autonomia entre os demais países.

Este país, jovem, por sua vez, encontra-se num mundo que é o de hoje, cada vez mais globalizado onde a notícia de um terremoto na China aparece ao lado da notícia sobre um engarrafamento na Avenida Paulista - São Paulo; um mundo em processo violento de mudança, com cada vez mais pessoas deixando o campo para viver nas cidades, cada vez mais inchadas, onde se pode consumir todo tipo de bens e serviços construídos com base na ciência e na tecnologia, que garantiriam uma vida com qualidade e, finalmente, um mundo onde todos querem ou precisam ser vencedores.

Um mundo desses produz:

- insegurança
- violência
- forte vontade de ter prazer e felicidade
- forte vontade de realização ou de “se dar bem”...

E estas quatro coisas estão fortemente relacionadas entre si.

Este mundo de hoje produz insegurança nas pessoas porque, como tudo muda muito rapidamente, não sabemos o que vai acontecer amanhã. Também gera insegurança e insatisfação porque numa sociedade onde as pessoas precisam estar sempre consumindo coisas novas, acabam nunca ficando satisfeitas com a sua geladeira velha, com o seu automóvel que não é do ano, com o seu computador que não anda tão rápido como o do vizinho, com seu plano de saúde que não cobre as suas doenças, com seu celular que não tira fotografia ou não recebe emails.

As pessoas também se sentem inseguras quando não têm dinheiro para comprar as coisas que todo mundo precisa “para ser feliz” e isso acaba gerando violência, roubo, sequestro, assalto, que são formas mais rápidas de obter dinheiro e, portanto, “ser feliz e se dar bem”.

Ao mesmo tempo, a insegurança pode acontecer porque para ter todos estes bens muitas pessoas acabam se endividando, muitas vezes sem condição de honrar seus compromissos financeiros.

Numa sociedade como a de **hoje**, as pessoas, e os jovens mais ainda, “precisam” ser felizes, se dar bem, ter prazer.

Por isso o sexo adquire tanta importância nos dias de **hoje**, já que ele é uma forma fácil de obter prazer. Por isso, também, o álcool e as drogas acabam se tornando tão importantes, já que são, também, outra forma **fácil** de conseguir prazer.

E é **fácil** perceber daí porque o sexo a qualquer custo (nem que para isso seja preciso, por exemplo, estuprar), o álcool e drogas estão sempre ligados à violência.

Para um adolescente que está em processo de formação e que, por isso, se encontra inseguro sobre suas qualidades e seus defeitos, sobre as suas possibilidades de ser feliz e se dar bem, não é nada fácil viver num mundo com as características que acabamos de ver.

Pensando assim, o surgimento imprevisto e não planejado de um filho, no momento em que tal adolescente está enfrentando todas estas dificuldades, pode representar um grande problema.

Porque, é claro, fica difícil um adolescente criar decentemente seu filho num momento em que se sente inseguro em relação às suas qualidades, quando ainda não encontrou um trabalho onde possa obter autonomia, ou um companheiro ou companheira com quem possa dividir as responsabilidades, se realizar como pessoa, etc.

Por isso, é fundamental que o adolescente dos dias de hoje saiba lidar com a sua sexualidade, de modo a evitar ao máximo que ela gere violência, doença e gravidez.

Nesse quadro, é notória a importância da oferta, pelos serviços públicos e privados de saúde, de toda sorte de métodos preventivos, a ampla difusão de conhecimento e informação sobre o uso adequado desses métodos por adolescentes e jovens, bem como a livre discussão dos temas ligados à sexualidade nas escolas.

A contracepção de emergência, também conhecida como pílula do dia seguinte, precisa ser entendida neste quadro, no contexto desta sociedade atual, como uma das possibilidades oferecidas ao adolescente jovem, de prevenção da gravidez fora de hora.

As situações em que podem ocorrer relações sexuais sem proteção, a violência sexual, o esquecimento da camisinha ou da pílula regular, a relação sexual ocasional do “ficante”, o “calor” das festas e tantas outras não deveriam, é claro, ser a regra, mas a exceção.

Mas o fato é que tais situações acontecem na vida do jovem!

Por isso, é importante evitar que delas decorra uma gravidez. É precisamente este o papel da contracepção de emergência (pílula do dia seguinte).

Os resultados da pesquisa que serão apresentados a seguir e que mostram o modo como os adolescentes e jovens estão entendendo a contracepção de emergência, poderão ser de grande utilidade no diálogo com este público, para que ele possa fazer uso adequado, quando for o caso, da contracepção de emergência.

Um filho é uma realização para quem deseja. Quando vier, precisa estar acompanhado das melhores condições possíveis.

A informação sobre sexualidade: papel de pais, da escola e dos serviços de saúde

De um modo geral, é sempre delicado falar sobre assuntos que envolvem a sexualidade.

Isto acontece tanto nas relações entre adultos (marido e mulher, companheiro e companheira), quanto nas relações dos adolescente entre si e também nas relações dos adultos com os adolescente (dos pais com filhos, professores com alunos, por exemplo).

A sexualidade faz parte daquilo que se chama de domínio da intimidade, ou seja, das coisas “só nossas”, e que, por isso, temos dificuldades em compartilhar com os outros.

Pais costumam ter dificuldades de conversar sobre assuntos de sexo com seus filhos; a mesma coisa acontecendo com os filhos em relação aos pais.

Esta dificuldade é compreensível e ninguém precisa se sentir culpado por isso.

Como os comportamentos sexuais têm muitas vezes sérias conseqüências como doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez fora de hora, infelicidade afetiva, pedofilia, muitos pais acreditam, com razão, que é preciso educar seus filhos nestes assuntos; mas muitos confundem o ato de educar com controlar, reprimir, vigiar, proibir, punir.

Ora, esse tipo de comportamento, além de “azedar” as relações entre pais e filhos, costuma ter como conseqüência um simples “não funciona”, ou seja, não ajuda o adolescente a vencer suas dificuldades com a sexualidade, por isso muitos adolescentes iniciam suas práticas sexuais escondidos.

Para que o adolescente consiga vencer suas dificuldades precisa

poder falar livremente sobre elas, trocar ideias, conversar, dialogar.

Por isso devemos criar oportunidades e espaços para esta conversa ou diálogo: em casa, nas escolas, nos centros de convivência, nas igrejas e nos serviços de saúde.

Mas como a livre conversa sobre sexo entre pais e filhos, apesar de ser muito desejável, é difícil de ocorrer (e ninguém deve se sentir culpado por isso) os pais precisam entender que esta conversa pode acontecer também em outros lugares como a Escola, os Serviços de Saúde, e que isso é bom para a educação de seus filhos.

Os Serviços, pela sua competência técnica, estão habilitados a oferecer informações que ajudam o adolescente a orientar a sua sexualidade com prevenção e segurança.

Nesse sentido, a Lei de Planejamento Familiar nº 9.263/96 (BRASIL, 1996) afirma que os profissionais de saúde devem prestar assistência, fornecer informação, promover ações de contracepção, que incluem fornecer os métodos disponíveis para esta finalidade, dentre eles, a camisinha, os contraceptivos hormonais, incluindo a contracepção de emergência (BRASIL, 1986).

Ao mesmo tempo, é importante saber que normas nacionais e códigos de ética dos profissionais de saúde garantem o sigilo profissional sobre as informações pessoais que o adolescente forneça, conforme indica o Ministério da Saúde (2005b), de forma a garantir o vínculo do adolescente com o serviço.

O ideal seria que o adolescente pudesse conversar livremente sobre sexualidade em todos os lugares, em casa, na escola, na igreja, nos serviços de saúde, já que a sexualidade é algo natural.

Mas, o que é mesmo adolescência? Quem é o (a) adolescente?

O adolescente é aquele que não é mais criança, mas ainda não é adulto. Daí vem sua instabilidade, sua facilidade de aderir a novas modas e de não aceitar valores dos adultos (ARAÚJO e CALAZANS, 2007).

Vem, também, a dificuldade dos adultos de dialogar com esse ser que está construindo seu caminho para a autonomia e que, por isso, precisa de orientação.

Entendendo isso, pais, profissionais de saúde, junto com profissionais da área de educação e de outros setores, poderão oferecer suporte para que o(a) adolescente possa decidir seus passos da maneira mais autônoma possível.

Se, por exemplo, um(a) adolescente relata uma situação de abuso sexual que vem acontecendo, é preciso compreender seu desamparo, buscar soluções com ele(a), buscar ajuda da equipe de saúde, do conselho tutelar, da Vara da Infância da região.

Legalmente, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define a adolescência como a fase da vida entre 12 e 18 anos, designando seus direitos para vivência da cidadania. Mas, por orientação do Ministério da Saúde, os serviços levam em conta também, para atenção a saúde, a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986), que ampliou recentemente essa faixa para 10 a 24 anos, dividindo-a em três subgrupos:

- Pré-adolescentes: de 10 a 14 anos
- Adolescentes: de 15 a 19 anos
- Jovens: de 20 a 24 anos.

Essa mudança no conceito de adolescência acontece porque as fases da vida mudam em diferentes momentos históricos (como aparece em frases do tipo expressão: "no meu tempo não era assim").

De fato, é comum o comentário de que, atualmente, os adolescentes e jovens são irresponsáveis, imediatistas, individualistas, incapazes de estabelecer planos para o futuro. Ou que são dominados por um turbilhão hormonal que os faz mais impulsivos, rebeldes e irresponsáveis.

Na realidade, o que acontece é que a infância, adolescência e idade adulta são uma construção social e não um fenômeno natural.

Por isso, é bom rever constantemente as nossas próprias concepções sobre o que se considera adequado ou inadequado para as pessoas das diferentes faixas etárias.

A relação que se estabelece entre o profissional de saúde e o usuário do serviço é, naturalmente, uma relação profissional. Ninguém buscaria ajuda de um profissional de saúde se não partisse da suposição de que ele dispõe de um saber especial.

É isso que faz com que um(a) adolescente vá à Unidade Básica de Saúde em busca de aconselhamento para questões tão problemáticas e íntimas como, por exemplo, um risco de gravidez não planejada.

Entretanto, se o poder do profissional for usado para defender valores e condutas baseadas em suas crenças pessoais, pode perturbar sua capacidade de compreensão da situação apresentada e, com isso, prejudicar a orientação que esteja dando ao (à) adolescente.

É preciso, pois, que adultos em geral e, inclusive, o profissional de saúde leve em conta fatores sociais e culturais na hora de atender esse tipo de demanda; por exemplo, o acesso restrito de adolescentes aos recursos para a sobrevivência, o ambiente tomado por violência, as dificuldades de acesso à educação, as evidentes desigualdades de gênero, de raça e outras.

Todos estes fatores podem estar representando condições adversas que dificultam o processo de orientação e educação e cuidado com a saúde.